

UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE
FACULDADE DE LATRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE ARQUEOLOGIA E ANTROPOLOGIA
LICENCIATURA EM ANTROPOLOGIA

ESPAÇO DE TROCAS CULTURAIS E CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES
SOCIAIS ENTRE OS HABITANTES E TRAUSEUNTES NA VILA DE RESSANO
GARCIA

Relatório Final do Curso de Antropologia

Autor: Bartolomeu Daniel

Supervisor: Mestre Agostinho Manganhela

Maputo, Julho 2014

ESPAÇO DE TROCAS CULTURAIS E DE CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES
SOCIAIS ENTRE OS “HABITANTES E TRANSEUNTES” NA VILA DE RESSANO
GARCIA

Autor

.....

Bartolomeu Daniel

Trabalho de conclusão de curso para a obtenção de Grau de licenciatura em
Antropologia da Faculdade de Letras e Ciências Sociais da Universidade Eduardo
Mondlane.

O Supervisor

.....

O Presidente

.....

O Oponente

.....

Maputo, Julho 2014

Declaração de honra

Declaro por minha honra que este relatório de pesquisa nunca foi apresentado na sua essência para a obtenção de qualquer grau, e que o mesmo constitui o resultado da minha investigação pessoal, e estão indicadas no texto e na bibliografia as fontes utilizadas.

.....
Bartolomeu Daniel

Dedicatória

Com todo o amor, carinho e paciência que tiveram aqueles que fizeram com que eu fosse o que sou, transmitindo as suas experiências para este estudo, em especial o Mestre Agostinho Manganhelaque soube orientar o trabalho até ao fim e não esquecendo a minha querida esposa Aventina José Chiconela que soube acarinhar-me nos momentos de tensão.

Dedico-lhes o presente trabalho

Agradecimentos

Em primeiro lugar quero agradecer os que disponibilizaram este espaço para que o estudante possa manifestar o seu sentimento sem que tenha em algumas ocasiões sujeitar a citar as ideias de autores, digo-lhes com viva voz os meus parabéns.

Em segundo lugar agradecer todos os docentes que ministraram aulas em todas as cadeiras que fizeram parte do currículo do curso durante quatro anos, especialmente o Mestre Manganhela meu supervisor, Dr. Emídio Gune Director do curso, Dr. Jossias Humbana a todos, muitíssimo obrigado.

O agradecimento é estendido aos colegas do curso de Antropologia em especial os que comigo ingressaram nesta Universidade em 2010, por me ter ajudado em circunstâncias difíceis sobretudo quando era atacado por *stress* após a realização dum teste, as vezes faltava nos trabalhos em grupo, mas sempre souberam acolher-me.

Não esqueço de agradecer a família Zucule principalmente Amone Paulo e sua esposa Lili Timóteo Zucule, a mana Benedita A. Vilanculos, que me apoiaram em material informático, que permitiram produzir o presente trabalho, após ter sido roubado o meu PC, além de terem ajudado na pesquisa na internet o material que nas biblioteca não se encontravam disponíveis.

O abraço também vai para minha querida mãe Ana Bope em Nhamakhamba distrito de Nhamatanda e meu querido pai Daniel Mateca já falecido que sua alma descanse em paz.

Finalmente, agradeço os meus superiores hierárquicos no serviço, por ter aceitado o meu pedido e em ter concedido balsa parcial para que eu pudesse continuar com os estudos a nível superior, em especial Armando Oliveira Dickson e Pedro Jacinto Muando.

A todos o meu muitíssimo obrigado!

Índice

Capa do rosto.....	ii
Declaração de honra.....	iii
Dedicatórias.....	iv
Agradecimento.....	v
Índice.....	vi
Resumo.....	vii
CAPITULO I.....	1
1.Introdução.....	1
CAPITULO II.....	6
2.Revisão da literatura.....	6
2.1-Enquadramento teórico conceptual.....	9
2.2-Conceitualização.....	10
CAPITULO III.....	15
3.Técnicas de recolha de dados.....	15
3.1-Procedimentos na recolha de dados.....	15
3.2-Constrangimento no trabalho etnográfico.....	16
CAPITULO IV.....	18
4.Contextualização histórico-geográfico, apresentação de resultados.....	18
4.1-De povoação a vila.....	20
4.2-Motivação de residência temporária.....	23
4.3.Estratégia adoptada pelos transeuntes para a sua inserção social.....	28
4.4-Razões e impactos das trocas culturais.....	32
CAPITULO V.....	34
5.Discussão de resultados e conclusões.....	34
Referências bibliográfica.....	39

RESUMO

O trabalho discute o Espaço de trocas culturais e de construção de identidades sociais entre habitantes e transeuntes na vila de Ressano Garcia. Pretende-se compreender o processo de construção de identidade social dos indivíduos oriundos de Vilanculos residentes na em Ressano Garcia na condição de transeuntes para África do Sul.

Sob orientação teórica na interaccionismo simbólico apresentada por Adolfo Casal e da nominalista/existencialista por C. Dudar, estas permitiram perceber que o indivíduo não se auto-identifica, mas sim heter-identifica mediante a sua interação na sociedade de acordo com o contexto e o ponto vista adoptado.

A metodologia usada foi de natureza qualitativa sendo instrumentos de colecta de dados, as entrevistas semi-estruturadas, observação directa e conversas informais, além de consultas bibliográficas de autores que estudaram a temática ligada a identidade no contexto de migração na diáspora.

Transeuntes não têm identidade fixa e permanente. Neles a identidade é sentida mediante um processo que passa pela construção, desconstrução e reconstrução de acordo com a integração sucessiva dos indivíduos nos vários grupos sociais emergentes, onde cada um pode identificar-se com grupo que melhor se enquadra: *mafoxlhana*, *maliano* ou *chelengue*.

Partindo das declarações e depoimentos dos entrevistados, a análise feita, concluiu-se que a construção de identidades sociais no seio dos indivíduos oriundos de Vilanculos na condição de transeuntes na vila de Ressano Garcia, processa-se mediante mudanças constantes de categorias nas suas relações com os habitantes locais e pela troca de experiências com outros transeuntes nas mesmas condições.

Palavras-chaves: espaço, cultura, trocas culturais, identidade social, transeunte.

CAPITULO I

1-Introdução

O presente estudo discute o Espaço de Trocas Culturais e de Construção de Identidades Sociais entre os habitantes e transeuntes na vila de Ressano Garcia, nele pretende-se compreender o processo de construção de identidades sociais de (*matswa*) indivíduos oriundos de Vilanculos-Inhambane, residentes na vila de Ressano Garcia na condição de transeuntes.

Em discussão está o facto de a literatura indicar que, o processo de construção de identidades sociais nos vários ramos das ciências sociais ser problemático (Filho 2003), devido a complexidade na conceituação e utilização generalizada do termo identidade.

Alguns autores que tentaram defini-la, fizeram como sendo o sentimento de pertencer a um determinado grupo, isto é, a identidade é que define o que a pessoa tem em comum com outras pessoas e o que lhe torna diferentes de outras Weeks apud Tilio (2009) é o sentimento que provém de várias relações que, as pessoas estabelecem entre si nas trocas culturais (Costa <http://liboriocosta>).

Cientistas sociais que analisaram a identidade, buscaram subsídios a partir das migrações no mundo que cada vez mais intensa põem em contacto pessoas com culturas diferentes sabendo que, quem vive os contextos de migração procura tanto afirmar as suas identidades e como gerir a sua mobilidade numa condição de diáspora Mendes e Vieira (2007), tornando assim as identidades múltiplas, compósitas e arquitectadas.

Para Filho (2003), a identidade estabelece os meios de categorizar as pessoas e o total de atributos considerados como comuns e naturais para os membros de cada uma dessas categorias. Como produto desses atributos existem portanto dois tipos de identidade social: a identidade social virtual e a identidade social real:

A identidade social virtual é entendida como aquela que é imputada a sociedade, de acordo com as categorias e atributos esperados por esta, enquanto a identidade social real é aquela que diz respeito ao que o indivíduo efectivamente prova possuir (*idem*).

Sob ponto de vista histórico, o conceito de identidade teve a sua origem na Grécia antiga, revestindo-se de diversas acepções de acordo com o pensamento de cada época

Filho (2003), o mesmo encontra-se intercalado na própria história do pensamento e é assim que na modernidade assistiu-se um grande esforço de largar-se desse enfoque estático. Na modernidade segundo autor, cientistas sociais começaram a pensar na identidade como o produto do social, porém, o pensamento desses cientistas não pode ser entendido como único, uma vez que há marca de diferenciação ente si.

No passado anti-modernidade, a identidade social foi compreendida a partir da etnicidade ou grupo étnico¹ Barth (1995), quem a reivindicava ou reclamava eram grupos étnicos ou comunidade étnica num espaço de diferenciação cultural como forma de conseguir o acesso ao poder (terra), face a maioria ou minoria. Actualmente com a modernidade, esta é construída respeitando os efeitos da globalização no mundo.

Já na modernidade o processo de construção de identidades sociais é compreendido a partir dos indivíduos que saem (emigração) das suas terras de origem, por várias causas que podem ser naturais, político/religiosa, económica, isto é, uma migração forçada provocando aumento demográfico e superpovoamento no local de acolhimento ou hospedeiro.

Os estudos feitos neste sentido, foram com base no destino do indivíduo ou grupo de indivíduos em estudo, não foram feitos tomando em consideração o igual fenómeno em diferentes ocasiões da sua ocorrência sobretudo no local de trânsito Nweti (2011), onde indivíduos de origem e culturas diferentes se concentram transformando o local em de espaço de trocas culturais.

Partindo duma realidade empírica, a quando da minha deslocação em 2012 à vila de Ressano Garcia, observei que os matswa saem de Vilanculos à África do Sul ostentando identidade, cultura e origem comum, de serem matswa naturais de Vilanculos. Ao chegarem no local de trânsito (Ressano Garcia), alguns atravessam de imediato para

1

Grupo étnico perpetua-se, bibliograficamente de modo amplo, compartilha valores culturais fundamentais, realizados em patente unidade as formas culturais, constitui campo de comunicação e de interação e possui um grupo de membros que se identifica e é identificado por outros como se constituísse uma categoria diferenciável de outras categorias do mesmo tipo (Barth 1995:190)

África do Sul e outros optam por procurar residências ao título de aluguer por curto tempo aos habitantes locais.

A procura dessas residências não é comum. Cada indivíduo procura a sua sorte, porque esta envolve falsificação de identidade de origem, pois os habitantes locais tratam-os por *vamandla*, tratamento que na terra de origem não é assumido por eles, devido o significado pejorativo e inferioridade que representa em relação aos outros matswa, fora do Distrito de Vilanculos.

Perante ambiente diferente a de origem e como forma de procurar a coesão durante o tempo da sua permanência, criam certas formas de inserir na sociedade local assumindo que são *vamandla* o que antes não assumiam, de modo a e se enquadrar no novo contexto e condição transeuntes, que se encontram.

Sendo Antropologia uma ciência que estuda as diversidades culturais e procura compreender a lógica que estrutura as práticas sociais, a relação entre transeuntes (matswa) com os habitantes locais em Ressano Garcia, levanta consigo problemas sociais de tipo estigma², crise identitária, desigualdades sociais, como resultado de choque entre culturas, que requerem estudos antropológicos.

Partindo destes pressupostos, Ressano Garcia é local de muito movimento de pessoas culturalmente diferentes, o estudo prende compreender como se processa a construção de identidades sociais no seio dos matswa, que de forma temporária residem em Ressano Garcia a caminho da África do Sul, sabendo que segundo Dubar (1996), a identidade é o que marca diferença entre indivíduos.

Sob ponto de vista de ciência, o estudo permite articular a teoria com a prática na investigação científica de modo a demonstrar como é que os conhecimentos adquiridos, podem ser aplicados em benefício da própria ciência e das comunidades locais, pois convivem entre dois ambientes culturais transfronteiriços diferentes. Para as autoridades, ajuda-lhes na planificação do sistema de controlo de grupos sociais diversificados sabendo que, a construção de identidades sociais tem sido acompanhado

²Estigma é definido por Goffman (1963:5) como sendo um tipo especial de relação entre atributo e estereótipo.

de rivalidades ou violências, por grupos sociais reivindicando espaço social, cultural, político e económico, quando estes sentem estigmatizados dos convívios dos outros.

O estudo pretende alcançar os seguintes objectivos: Geral- compreender o processo de construção de identidades sociais de indivíduos oriundos de Vítanculos província de Inhambane, residentes temporariamente em Ressano Garcia na condição de transeuntes para África do Sul. Específicos- (1) perceber as motivações que levam os transeuntes à optarem por residência temporária em Ressano Garcia, (2) analisar as estratégias usadas por estes para sua inserção social no local de trânsito e por último (3) explicar razões e o impacto das trocas culturais entre transeuntes e os habitantes locais.

O problema em discussão neste estudo está inserido na seguinte questão: estando entre culturas diferentes e procurando a sua inserção na sociedade local, como é que os matswa constroem identidades sociais, na vila de Ressano Garcia?

Para a busca de explicação sobre o problema levantado, parti de hipótese segundo qual, o comportamento dos matswa é condicionado por um contexto sócio-cultural caracterizado por trocas culturais em que face aos habitantes locais, procuram a coesão social como forma de evitar estigmatização, exclusão social, submetendo-se a dominação cultural (língua, uso e costumes changana).

Em termos metodológicos para elaboração do presente trabalho, recorreu-se as fontes primárias e secundárias na busca de informações, privilegiou-se a pesquisa bibliográfica e documental que consistiu na consulta das obras, artigos e teses de licenciaturas depositadas nas bibliotecas Central Brazão Mazula e do Departamento da Arqueologia e Antropologia (DAA), Centro do Estudo Africano da UEM, biblioteca do Arpac, do Arquivo Histórico de Moçambique e em algum momento recorreu-se as obras, monografias e artigos baixados na internet, devido as dificuldades de encontrar a bibliografias actualizadas que abordam o tema em estudo.

Como enfoque teórico, o trabalho inspirou-se em duas teorias: A interaccionismo simbólico Casal (1996) e nominalista/existencialista do C.Dubar (1985). Estas fontes tornaram o trabalho científico e tem como objectivo envolver vários enfoques de modo a garantir uma visão mais abrangente sobre a problemática formulada (Langa 2002:38).

Para a recolha e análise de dados, usou-se o método etnográfico e abordagem qualitativa que segundo Marconi e Presotto (2006), permitiu fazer o levantamento de todos os

dados possíveis e sua descrição, com a finalidade de conhecer melhor o estilo de vida ou a cultura específica dos matswa, constam nele observação directa as entrevistas semi-estruturadas, e conversas informais.

O trabalho do campo foi realizado mediante deslocações por três meses; Janeiro, Julho e Dezembro de 2013, por ser o período de férias na Faculdade e os meses de Dezembro e Janeiro por coincidência serem de maior movimento migratório em Ressano Garcia, antes e pós festas do Natal e Fim de ano, enquanto Janeiro a Maio de 2014, foi o período reservado a organização do trabalho.

No local de estudo, foram seleccionados dois lugares: o terminal dos “chapas” e a estação dos caminhos de ferros local. Esses lugares permitiram ao estudante interagir com grupos pequenos e regular de informantes Feldman (1987), antropólogo deve colocar em prática os seus dotes especiais de observação, usando como instrumentos primários os olhos e os ouvidos (ver e ouvir).

O trabalho está estruturado em cinco capítulos. Após a introdução onde foram apresentados todos os detalhes relativos ao estudo, no segundo capítulo são apresentadas a revisão da literatura e enquadramento teórico e conceitual. O terceiro capítulo trata-se das técnicas da recolha de dados. O quarto capítulo trata-se da contextualização histórico-geográfica de Ressano Garcia e apresentação dos resultados. Finalmente o quinto e último capítulo do destacam-se a discussão dos resultados, conclusões, referência bibliográfica e os anexos.

CAPITULO II

2-Revisão da literatura

Neste capítulo, a literatura feita mostrou que o debate sobre a identidade envolve múltiplos níveis de análise, deste modo, o presente trabalho pretende apresentar uma reflexão restrita sobre a percepção da identidade social na actualidade contemporânea.

Partindo da revisão de estudos anteriores, foram identificados os seguintes campos de análises: identidade pessoal, identidade social, identidade no trabalho e identidade organizacional, (Casal 1996, Dubar 1985/1996 e Goffman 1975, Morin s/d). Para presente trabalho interessa a abordagem sobre a identidade social, porque pretende-se estudar matswa como grupo de indivíduos.

Em detalhes são apresentadas as inter-relações das áreas de acção que cada uma dessas identidades propõe abordar, assim como as limitações de estudo para cada uma das perspectivas que foram abordadas segundo os estudos realizados, pois a distinção é importante para fins de análise de cada uma das classificações Dubar (1996), porque contém elementos que melhor possibilitam a sua compreensão.

Para Dubar (1996), a identidade pessoal está ligada a uma construção individual do conceito de si mesmo, isto é, indica de forma específica a identidade de cada indivíduo, é processo em construção, definido por intermediação constante das identidades assumidas e das identidades visadas.

Por outro lado, a identidade em nível pessoal, ou por outro a identidade ou o conceito de si mesmo, orienta a acção individual, é um projecto que o indivíduo procura constantemente realizar no seio dos outros ou mesmo contra os outros Morin (s/d), a identidade funda-se na diferença para afirmar a especificidade.

Enquanto identidade social trata-se do conceito de si a partir da vinculação de pessoa a grupos sociais, que Casal (1996) designou de identidade sociocultural ou do grupo em que o indivíduo está inserido e que partilha, quer dizer a identidade é que torna um grupo consciente de si próprio (Casal 1996:383).

Remetendo esta discussão no plano social, encontramos que as identidades das pessoas configuram como estas percebem a si mesmos dentro de um ou vários grupos e nesse

caso, permite a diferenciação entre “nós” e os “outros”, direccionam os movimentos, reflectindo a acção grupal (Morin s/d :100).

Ainda à luz desta discussão, destaca-se a identidade social positiva, que é aquela ligada a comparação positiva que o indivíduo faz de grupos aos quais se vincula e quando a identidade social for insatisfeito o indivíduo abandona o seu grupo e busca vinculação em outros grupos que melhor se enquadra (uma realidade vivida no seio dos matswa).

Lipiansky apud Dubar (1996) alerta que a identidade social não é somente construída pelos traços positivos que o indivíduo assinala nos grupos, mas também pelos negativos, que precisam ser evitados. Esses traços caracterizam-se por uma identidade negativa projectada sobre o outro, (aquilo que os habitantes de Ressano Garcia fazem em relação aos matswa), sabido que o outro é o espelho social que permite ao indivíduo aprovar-se, reconhecer-se e avaliar-se.

Olhando para a identidade no trabalho, Baugnet apud Dubar (1996) considera que pelo exercício de papéis, os indivíduos constroem activamente as suas identidades, pois a empresa constitui um lugar de socialização importante para os indivíduos que nela trabalham, e uma verdadeira instituição secundária de socialização após a escola e a família porque modela atitudes, comportamentos, a ponto de produzir uma identidade profissional e social (é uma identidade construída fora do contexto cultural).

Em relação a identidade organizacional, o mesmo autor argumenta-se no sentido de que as organizações e os seus grupos são categorias sociais, portanto existem em seus membros a percepção de que são membros delas, pois as organizações existem na mente dos seus membros e a partir dessa percepção surge a ideia de que a identidade organizacional é parte da identidade individual deles.

Ao concluir Dubar considera que essa distância existente entre os tais tipos de identidades é exactamente o espaço de confirmação do “*Eu*” ou seja da construção de identidade. É sob este espaço que vão se processar as interacções sociais e ocorrerá a participação dos outros na construção da própria identidade.

Por outro, a dinâmica da identidade é alimentada pela incansável procura de unidade subjectiva por parte dos indivíduos no quotidiano, pois eles adoptam frequentemente padrões comportamentais direccionados para alimentar a esperança dos outros sobre a conduta de si próprio, que muitas vezes contra a sua auto-individualização.

No caso de haver falta de entendimento pode de facto provocar a fragilização, resultando em rompimento da unidade subjectiva, que Moessinger apud Dubar (1985) construir a própria identidade é portanto permanente desafio no sentido de encontrar o equilíbrio entre aquilo que se é e o que os outros esperam que nos sejamos.

Na mesma abordagem, Moessinger defende que a identidade é um fenómeno que se processa ao longo da vida do indivíduo, actuando como mecanismo regulador das interacções sociais e da presença do outro na vida pessoal atendendo e considerando que a infância e adolescência são períodos nos quais a influência dos outros na definição das identidades é mais fortes. Assim uma identidade bem construída é aquela que delineou os limites entre a individualidade e os grupos dos quais a pessoa está vinculada.

De forma particular, a identidade social segundo Bradley apud Tilio (2009), deve ser entendida como forma pela qual os indivíduos se percebem dentro da sociedade em que vivem e pela qual percebem os outros em relação a eles próprios, é a representação que um indivíduo dá a si mesmo por pertencer a um grupo, nesse sentido ela é o fruto da interacção dos mecanismos psicológicos e dos factores sociais e trata-se de processo social dinâmico, em contínua evolução, que constrói por semelhança e oposição.

Estas abordagens apresentam limitações na discussão sobre identidade, sobretudo o contexto da sua construção, por focarem a questão em discussão de forma genérica. Não olham o mesmo processo sob ponto de vista do espaço de convergência sócio-cultural transfronteiriço, como é o caso de Ressano Garcia.

Por outro lado a construção das identidades sociais, é um processo entendido a partir dum idioma Mungói at al (2012), que marca a diferença entre eles ou seja “nós” e “eles” nas relações sociais, além de que não existe uma identidade final, ela é construída dentro dum processo de formação e envolve um certo sentido e contexto, esta varia de grupo para grupo e de indivíduo para indivíduo, havendo indivíduos ou grupos que procuram mais evidenciar as suas identidades em detrimento de outros.

Analisada essa abordagem também apresenta limitações na medida em que o próprio idioma usado no processo de interacção social com a globalização tem sido objecto de manipulação, razão pela qual não há identidade fixa e permanente, estas dependem da forma como os indivíduos são representados nos grupos sociais onde estão inseridos.

A mesma ideia é partilhada por Mendes e Vieira (2007), segundo a qual o surgimento do sujeito pós-moderno traz a concepção de que não há uma identidade “fixa” essencial e permanente, assim sendo, a identidade torna-se uma “celebração móvel” um processo formada e transformada consoante as formas de sermos representados nos sistemas culturais que nos rodeiam.

Com estas discussões, fechamos o capítulo com a conclusão de que a construção de identidades sociais é um processo que passa necessariamente pela existência de espaço de confirmação de “Eu”, espaço esse que vão se processar as interações sociais com a participação dos outros.

Pois a identidade social enquanto processo não como uma coisa, é uma negociação permanente com aqueles que nos rodeiam, fruto de acordos e desacordos numa mudança aberta e que organiza as nossas relações com outros (Santos 2005:126).

2.1-Enquadramento teórica e conceptual

Este trabalho foi inspirado em duas teorias distintas articuladas entre si, sendo: o interaccionismo simbólico a construção de identidades sociais é compreendida a partir da interacção entre o indivíduo e a sociedade Casal (1996) e nominalista/existencialista que segundo Dubar (1985) a identidade de qualquer ser empírico depende da época considerada e de ponto de vista adoptado.

Casal analisa construção de identidade social, partindo do princípio de que os indivíduos não se auto-identificam, mas hetero-identificam-se, o indivíduo apercebe-se de que é ele próprio, não directamente, mas adoptando o ponto de vista dos outros sobre si mesmo, no espaço de interacção entre o indivíduo e a sociedade. (Casal 1996: 383)

Segundo Gil (2008) o interaccionismo simbólico origina-se dos trabalhos desenvolvidos por George Herbert Mead, os quais para os interaccionistas a sociedade é construída de pessoas que actuam em relação as outras e aos objectos em seu ambiente, com base nos significados que essas pessoas ou objectos têm para aquelas. Esses significados, por sua vez surgem da interacção que cada pessoa tem com outras e são estabelecidos e modificados mediante um processo interpretativo.

Por outro lado Dubar argumenta que é preciso olhar em princípio o que é comum e aquilo que é diferente entre as pessoas envolvidas na interacção, dependendo do contexto e do ponto de vista adoptado (Dubar 1985:8).

Feitas análises, conclui que a identidade social é um processo construída com base na interacção entre o indivíduo e a sociedade dependendo da época e do ponto de vista adoptado, respeitando o que é diferente e o que é comum entre indivíduos envolvidos na interacção. A articulação dessas teorias contribuiu bastante no alcance dos objectivos que o estudo pretende atingir.

2.1.1-Conceptualização

Sob ponto de vista de conceitos, neste estudo foram propostos os seguintes: espaço, cultura, trocas culturais, identidade social e transeunte.

A literatura mostrou que não há propriamente necessidade absoluta de explicar o espaço, segundo Burn apud Maia (2002) a definição que damos de espaço tende a alterar-se com o tempo portanto qualquer definição que dela resulta é vista em função do tempo.

Há várias formas de definir o espaço, este pode ser definido sob formas de especialização, isto é, pode ser espaço social, económico, geográfico, político cultural, histórico, assim como pode ser de estruturação, é o caso de espaço hierárquico sendo estas as formas de construção social (Gessendi 2008:9).

Em relação a cultura, trata-se dum conceito polémico nas ciências sociais em particular na Antropologia, isto é, não encontra consenso entre cientistas sociais, segundo Laraia (s/d), a primeira definição antropológica da cultura foi do Tylor a qual a cultura é um fenómeno natural que possui causas e regularidades.

Velho (1986) apresenta a noção de cultura subjectiva e cultura objectiva afirmando que a cultura objectiva é externa ao indivíduo e ela está em estreita interacção com ele. Por sua vez a cultura subjectiva é compreendida como uma totalidade cujo aperfeiçoamento passaria pela busca de harmonia entre as diferentes potencialidades, capacidades e características.

Porém na óptica do autor a cultura objectiva de uma sociedade pode ser complexa, diferenciada, heterogénea e a cultura subjectiva dos seus membros pode nada ter a ver

com isso, por outro lado não pode haver a cultura subjectiva sem a correspondente cultura objectiva e esta é parcialmente independente da primeira.

A relevância da discussão sobre a cultura é trazida por (Fernandes 2007, Geertz 1973), o primeiro diz que a cultura ajuda na construção da nossa identidade e na determinação do que seja o “outro”, o diferente de que somos, enquanto o segundo diz que é por intermédio dos padrões culturais, amontoados, ordenados de símbolos significativos, que o homem encontra sentido nos acontecimentos através dos quais ele vive.

Estes argumentos apresentam limitações; no caso do primeiro, este não especifica que tipo de ajuda a cultura dá-nos, que permite construir a nossa identidade e por sua vez Geertz também não apresenta quais os padrões culturais a que se refere, nos quais o homem encontra sentido nos acontecimentos através dos quais ele vive.

Concluindo poderia concordar em volta dos padrões culturais, embora sem ter especificando-os, são estes que intervêm e permitem ao indivíduo ou grupos de indivíduos construir suas identidades sociais, isto é, não se pode compreender a identidade de indivíduo ignorando os seus padrões culturais, mesmo com manipulação como resultado da globalização, estes sempre manifestam.

O conceito das trocas culturais é entendida partindo das concepções de cultura que estão presentes no nosso dia-a-dia, marcando sempre uma diferença bastante clara entre as pessoas, seja no sentido mais elitista seja no sentido de identificação com algum grupo específico <https://br.auseurers>. A prática comercial dos cuxitas, exímias negociantes, com tantos países estrangeiros proporcionaram uma troca cultural intensa através de suas negociações com os povos tão distintos (Oscar Koch).

Por sua vez Costa no seu livro intitulado Alimentação: Trocas Culturais, diz que ao longo da história, os contactos entre povos envolveram trocas culturais em diferentes situações LEKO Costa [http://liboriocosta](http://liboriocosta.blogspot.com) blogspot.com. Algumas vezes ocorreram trocas de conhecimentos e de costumes entre os povos por meio de contactos comerciais ou viajantes e outras formas se deram de forma desigual decorrência de conquista militar dominação de um povo sobre o outro. São exemplos dessas trocas, as interpretações de novos alimentos e hábitos alimentares desencadeados pela colonização da América pelos europeus.

O conceito de identidade social³ é entendido dentro de uma perspectiva sócio-construcionista, aquilo que se designa por identidade múltipla e não essencialista (Tilio 2009:110).

Esta não pode ser compreendida somente no pensamento da clássica etnicidade ou grupo étnico⁴ Barth (1995), pois, a identidade em si tem sido reivindicada ou reclamada por grupos étnicos ou comunidade étnica dentro dum espaço sócio-cultural, por causa da diferenciação em relação a maioria ou minoria, (caso *hutu* e *tutsi* no Ruanda e Burundi), porém actualmente esta tem de ser pensada tendo em conta as consequências da globalização no mundo.

Hoje a identidade social é um processo que pode ser construída, desconstruída e reconstruída, de acordo com as necessidades imediatas das pessoas, isto é, já não é apenas nos critérios com base na pertença étnica nem tribal, mas sim nas rivalidades e diferenças sociais (comportamento), económicas (posse de dinheiro), cultural (nível académico) entre indivíduos ou grupos sociais.

O último conceito deste estudo está relacionado com transeunte, este mostrou ser mais difícil encontrar em obras. Autores consultados não definem com clarividência o conceito de transeunte, por vezes confunde-se o transeunte com imigrante. O que seria o transeunte? E o que seria o imigrante? Para obtenção das respostas, foi necessário o recurso ao dicionário electrónico da língua portuguesa, no qual transeunte é quem está de passagem ou temporariamente em algum lugar, que não permanece, isto é, está em trânsito.

Segundo a folha de São Paulo (2008, 2009 e 2010), transeunte é quem passa, que vai andando ou passando, que não permanece, indivíduo que vai passando, pessoa que passa pela rua, vindante, passageiro, passante, que segundo Lucena (2008) pessoa transitando ou de passagem para algum lugar, tomando como exemplo a seguinte citação:

³ Essas identidades é criada e recriada na interacção com o seu próximo fora do contexto familiar e as vezes não são assumidas por eles como tais, mas pela sociedade com quem vive e convive, daí "*identidade social*", porque é a sociedade que lhe atribui.

⁴ Grupo étnico perpetua-se, bibliograficamente de modo amplo, compartilha valores culturais fundamentais, realizados em patente unidade as formas culturais, constitui campo de comunicação e de interacção e possui um grupo de membros que se identifica e é identificado por outros como se constituísse uma categoria diferenciável de outras categorias do mesmo tipo (Barth 1995:190)

O funcionário foi levado a justiça pelos próprios correios depois que um “transeunte” encontrou as pilhas de correspondências no terreno baldio...grupo de pesquisa; o acolhimento aos habitantes, visitantes e *transeuntes* de um ambiente virtual (Revista folha de São Paulo 2009).

Para clarificar esta dicotomia “transeunte-imigrante”, o imigrante é aquele que realiza movimento de migração, devido as causas⁵ de atracção que explicam a sua entrada nas áreas de imigração, estas podem ser naturais, políticas/religiosas, económicas, fazendo com que o indivíduo ou grupo de indivíduos se fixem num determinado lugar como seu destino, enquanto ao “transeunte” já não acontece o mesmo, este pode estar temporariamente em algum lugar, mas de passagem, ele pode chegar e regressar no mesmo dia a sua proveniência, assim como pode ficar algum tempo ou passar no mesmo dia ao seu destino, portanto depende da maneira como ele preparou a sua viagem.

Resumindo, o transeunte é um indivíduo que embora estando na categoria de imigrante⁶, ele está temporariamente de passagem (trânsito) independentemente de causas, pois o seu destino é que vai determinar as causas, enquanto o imigrante apresenta causas que justificam a sua migração (naturais, políticas/religiosas, económicas), no local da chegada adquirindo uma certa categoria, pois, a sociedade estabelece os meios de categorizar as pessoas e o total de atributos considerados como comuns dessas categorias (Goffman 1963:5).

A visão do Goffman é partilhada por Dubar (1996) segundo a qual a categorização dos indivíduos pode ocorrer, então por diferentes finalidades e deste modo eles fazem normalmente parte dos vários grupos, os quais fornecem múltiplas bases para a categorização de si em diferentes momentos. Do grosso modo, a identidade social se funda sob determinadas categorias, como por exemplo a etnia, a identidade sexual, a classe social, defender a mesma causa (como adeptos duma equipa de futebol), entre outros.

⁵ As causas podem ser naturais, política/religiosas, económicas as quais obrigam o indivíduo a migrar-se (www.kas.de/wf).

⁶ Para complementar o estudo sobre população e necessário conhecer os movimentos migratórios, suas causas, suas características e consequências. Migração é tudo movimento de população que ocorre no espaço geográfico onde o migrante é aquele que realiza o movimento de migração. Portanto, emigração refere-se ao acto da saída de uma região devido as causas de repulsão que explicam a saída da população, este ocorrem nas áreas de emigração, enquanto imigração refere-se ao acto da entrada em uma região devido as causas de atracção que explicam a entrada da população e ocorrem nas áreas de imigração (www.kas.de/wf).

Por outro lado, uma vez unido sob o mesmo fundamento, os matswa procuram em Ressano Garcia a contextualização no tempo e no espaço na busca de fortalecer as suas identidades, que de acordo com Dubar é por essa razão que as manifestações ligadas ao nacionalismo e aos movimentos sociais se processam num dado contexto de construção social das identidades que todo o momento, são construídas e desconstruídas.

CAPITULO III

3-Técnicas de recolha de dados

Neste estudo, a abordagem qualitativa permitiu trazer a superfície, dados relativos a especificidade do grupo em estudo obedecendo três fases: A 1ª fase foi teórica consistiu na consulta bibliográfica Quivy (1995), Richardson (s/d), Oliveira (2006) para perceber a forma de recolher os dados no campo munido de base teórica que sustentasse o estudo. Além disso, serviu de instrumento para análise de dados.

A 2ª fase foi a observação directa, esta permitiu identificar outros grupos sociais existentes em frequentes movimentos e actividades que estes realizam, para posterior comparação com matswa.

A 3ª e a última fase, consistiu-se em entrevistas semi-estruturadas acompanhadas de conversas informais, com objectivo de compreender o problema em estudo, sob forma de conversa entre o estudante e os informantes, porque Ressano Garcia além de ser espaço de trocas culturais também é espaço de trocas comerciais de tipo mercantil.

Foram entrevistados treze indivíduos com idades entre 16-48 anos, por questão de ética, respeitou-se mais a privacidade e confidencialidade dos informantes, atribuindo lhes nomes fictícios, pois os códigos de ética recomendam (Christians 2003:147) que todos os dados pessoais devem ser protegidos ou escondidos sendo expostos publicamente somente sob protecção do anonimato.

Todos os participantes são residentes na vila de Ressano, destes três estudantes, oito vendedores informais que assumiram como matswa “transeuntes” e dois vivem e trabalham localmente.

3.1-Procedimentos na recolha e análise de dados

Durante a recolha de dados etnográficos, foram feitas treze contactos em igual número de pessoas, dos quais três de tipo história de vida deste, um informante aceitou dar o seu verdadeiro nome porque dizia ele que não tinha medo do que estava a dizer, as duas outras não aceitaram por serem imigrantes naturalizados e que tinham medo de adulterar a história.

Foram feitas as entrevistas semi-estruturadas e os entrevistados sempre quiseram saber se o que eu estava a produzir ia ser publicado no jornal e de que jornal era? Em jeito de resposta os tranquilizei no sentido de que eu não era nenhum jornalista, mas sim um estudante da FLCS da UEM e que os dados recolhidos eram apenas para a elaboração do meu relatório final do Curso de Antropologia.

Depois tive conversas informais nas barracas onde recolhi informações detalhadas sobre o processo do surgimento dos grupos *malianos*⁷ e *chelengues*⁸. Em termos de vestuários não cheguei a mudar de roupa mantive a mesma, lavava apenas a camisa de noite e punha-a de manhã.

A língua que eu falava era mistura das línguas faladas no sul e as vezes português modelado, para acompanhar o ritmo dos meus informantes. Todos os dados eram anotados numa folha A4, outras informações eram gravadas com ajuda de telemóvel que à noite iam ser sistematizadas passadas a limpo e posteriormente analisadas.

Na análise nem tudo o que se recolheu foi objecto de consideração, mas sim aquilo que julgou ser importante para o estudo, onde constatei que, o nível de compreensão dum determinado fenómeno social nas pessoas é diferente de pessoa para pessoa, isso me permitiu e facilitou na classificação e categorização dos grupos sociais emergentes.

3.2-Constrangimentos no trabalho etnográfico

A primeira dificuldade foi de ordem financeira que não me permitiria alugar uma casa para hospedagem, visto que os valores que levava só dava para refeições durante três semanas, a outra preocupação foi de identificar língua dominante numa sociedade transfronteiriça, o terceiro constrangimento foi da minha própria apresentação em termos de vestuário, como me deveria apresentar perante os participantes de estudo, pois mal falo changana a língua mais falada e por último saber; *quando, como e onde* começaria com estudo.

Para a superação destes constrangimentos foi necessário; primeiro tinha que apresentar a credencial ao Posto Administrativo local, que mandou-me ao encontro do Presidente da Localidade no seu gabinete na Sede, onde dei explicação ao Presidente acerca do objectivo da pesquisa que estava para fazer assim como recebi por parte dele,

⁷E uma denominação que os habitantes de Ressano Garcia atribuiu ao grupo de pessoas cujo actividade e mostrar caminhos aos transeuntes pelos quais devem entrar na RSA sem passar pela migração.

⁸Idem, mas a diferença está na forma de actuação, os primeiros são pacíficos enquanto estes são violentos.

informações do dia-a-dia da vila, daí ele comunicou aos quatro secretários de igual número de bairros que compõe a vila incluindo as autoridades tradicionais, da existência dum estudante credenciado pela UEM na vila de Ressano Garcia, para além de receber apoio em alojamento e alimentação gratuito por parte das autoridades locais.

A outra forma encontrada para a superação destas dificuldades foi de promover contactos com as mesmas pessoas, criando nelas confiança em mim ao ponto de trazer mais amigos seus e estes passaram a colaborar no estudo, fornecendo mais informações a cerca da emergência de grupos sociais e por vezes eu comprava os produtos que eles vendiam como cliente assíduo ao ponto de me darem “bacela”.

Por outro lado tinha que falar changana embora não com convicção, mas misturava-se, também com “português” atendendo o nível das pessoas com quem lidava, sempre trajava a mesma roupa e sandálias, por vezes passei dum cidadão que pretendia cambiar *rand*⁹ por metical¹⁰ e voltava a cambiar a mesma moeda por *rand* vice-versa, com diferentes grupos de cambiadores que circulam na sua maioria no recinto da Migração.

⁹Refere-se a moeda sul-africana

¹⁰Refere-se a moeda moçambicana

CAPITULO IV

4-Contextualização da vila de Ressano Garcia, apresentação e discussão dos resultados

Neste capítulo pretendo fazer a contextualização sob ponto de vista histórico-geográfica da vila de Ressano Garcia, partindo de dados extraídos numa nota entregue pela Administração local e a seguir será apresentação e discussão dos resultados.

A localidade/vila de Ressano Garcia fica situada na margem esquerda do rio Incomati junto a fronteira com a República da África do Sul, distando cerca de 38.5 km da Moamba e 90 km da cidade de Maputo. No censo de 2007, a vila era habitada por mais de 7.345 pessoas, estando actualmente em expansão urbana.

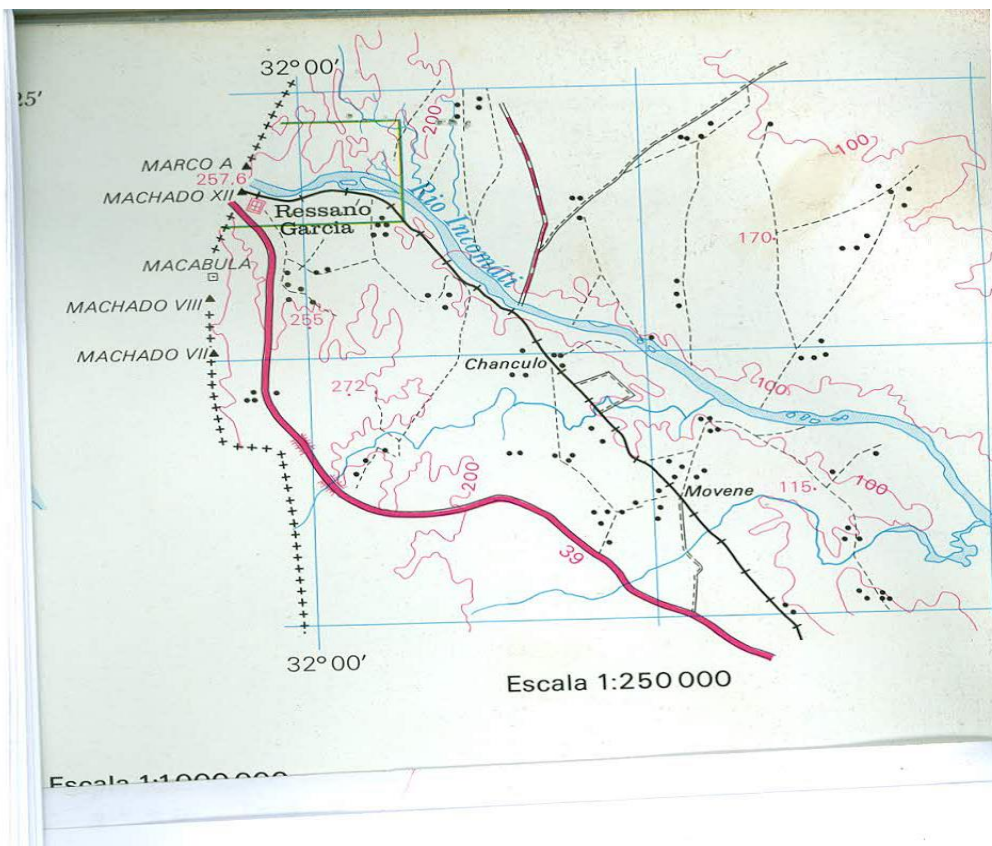


Fig.1

Foto retirada da atlas geográfica vol.1, ilustra a localização da vila de Ressano Garcia

Fazendo uma resenha histórico-antropológica, a Povoação de Ressano Garcia foi criada pela portaria n°427, de 26 de Agosto de 1891. A Povoação foi localizada junto a um magnífico desfiladeiro, nasceu por força de ter que ser apeadeiro na fronteira

moçambicana com Transvaal por ocasião da construção da Linha Férrea de Lourenço Marques a Pretória, iniciada em 1887.

Em 1901 a Povoação de Ressano Garcia era constituída por poucas casas de madeira e zinco, na maior parte cantinas de portugueses e indianos, sobressaindo apenas a estação e as suas dependências de alvenaria e a isso se resumia nessa época à Povoação.

Entre 1900/1901, por virtude da Guerra Anglo-Boer construiu-se apressadamente em posição estratégica na Povoação de Ressano Garcia um Posto Militar, caserna de destacamento, casa fiscal da Migração e uma residência para autoridade Portuguesa, tudo em madeira e zinco, ficando o Posto Militar numa posição que dominava a Povoação. Foi tudo obra do Engenheiro Carlos Roma Machado de Faria e Maria.

Em edifícios de alvenaria e madeira e zinco, esteve instalada a força comandada pelo Major Seabra de Lacerda, por ocasião da entrada dos refugiados “Boers” no final da guerra que lhes foi adversa.

Em Ressano Garcia deu-se um dos episódios mais curiosos da guerra Anglo-Boer, em que perante o avanço fulminante das forças inglesas que flagelavam as estafadas forças “boers”, depois da queda de Pretória, o Presidente Kruger pediu asilo político a Portugal, entrando por Ressano Garcia, em comboio rigorosamente vigiado para evitar que o Chefe do Estado Transvaliano fosse vítima de qualquer atentado.

Aconteceu porém, que após a retirada de Kruger, coube ao General “Boer” Kottzee o encargo de fazer saltar pelos ares a ponte ferroviária de Komatipoort, para demorar o avanço das forças inglesas em direcção a fronteira de Ressano Garcia.

O Governador-geral de Moçambique soube do plano e procurou agir imediatamente para salvar a ponte de uma destruição eminente. Os prejuízos seriam incalculáveis para Moçambique se o plano efectivasse.

Kruger foi imediatamente procurado pelo Governador-geral de Moçambique e apelando-se para o seu bom senso, obteve-se dele uma carta urgente para o General Kottzee com instruções para que não dinamitasse a ponte.

De posse da carta havia que fazê-la chegar secretamente as mãos do General “Boer” e dessa difícil missão incumbido pelo Governador-geral o Capitão Carlos Machado de Faria e Maria. O briso Capitão português executou com êxito a missão, entregando a

carta a Kottzee, precisamente na véspera da chegada dos ingleses a Komatipoort. Essa carta evitou no último momento que a ponte ferroviária de Komatipoort fosse dinamitada como estava planeada.

4.1-De povoação à vila

A brigada das vistas do Transvaal pelas contrapartes dos Libombos que limitavam a garganta apertada por onde o Incomati flectindo no sentido leste entra no território moçambicano, povoação de Ressano Garcia nasceu por força de ter que ser apeadeiro na fronteira moçambicana. Deu-se-lhe o nome em homenagem ao Conselheiro Frederico Ressano Garcia, mais tarde Ministro da Marinha e Ultramar, em 1889, no Governo presidido por José Luciano de Castro, Ressano Garcia havia sido um dos grandes impulsionadores de empreendimento ferroviário de Lourenço Marques à Pretória.



Fig.2

Frederico de Ressano Garcia, considerado um dos grandes impulsionador de empreendimento ferroviario de Lourenço Marques à Pretoria (foto tirada na internet).

Com Independência, a Lei n° 4/86 de 25 de Junho (Assembleia Popular) alterou a redacção do artigo 42 da Constituição da República Popular de Moçambique em que se definiu que as zonas urbanas organizam-se em cidades e vilas, de acordo com os diferentes escalões.

Incluía nesse processo, o estatuto da situação de todos os centros urbanos, com vista a definir a seu estatuto de acordo com o desenvolvimento atingido. Em resultado do

estudo feito conclui-se existir no país, centros urbanos que, não tendo atingido um nível de desenvolvimento que permite elevá-los a categoria de cidade, possuíam condições para serem considerados Vilas e necessitando de uma organização adequadas, distinta da cidade.

Foi assim que pela Resolução n° 7/87 de 25 de Abril, do Conselho de Ministros, foram elevados a categoria de Vilas vários centros urbanos do nosso país, onde o centro Urbano de Ressano Garcia não foi uma excepção, ficando revogada a legislação anterior, relativa a atribuição de estatuto de centros urbanos.



Fig.3

Vista parcial da vila de Ressano Garcia (foto tirada na internet).

Sob ponto de vista antropológico, é uma vila que nasceu do nada, segundo a conversa informal que o tive com Zimba a partir duma entrevista feita por jornalista Orlando Muchanga do jornal domingo em 1991 ao seu pai o então régulo Carlos Muzilo Zimba (já falecido), onde eu pretendia saber o nome “nativo” de Ressano Garcia antes de chegada dos portugueses, o qual esclareceu o seguinte:

Nesta região não existia verdadeiro dono da Terra, algumas populações na sua maioria eram de origem swazi, habitavam na montanha e ao longo da margem esquerda do rio Incomati, havia medos dos brancos. Portanto esta vila foi sempre o caminho de travessia de e para África do Sul. Por outro lado, Ressano Garcia era a Terra dos emigrantes, era conhecida por *frantera*, para dizer fronteira, em 1918 esta região foi assolada por uma doença mortífera denominada *chiponhola* semelhante a SIDA, pois também era incurável. O fenómeno de repatriamentos dos moçambicanos que se verifica actualmente, ganhou uma dinâmica, sempre

existiu, em tempo era conhecido por “Kwakwanana”, em que pessoas de diferentes regiões eram enviadas de regresso as suas povoações a pé, não havia apoio nem transporte como hoje (Zimba 63 anos).

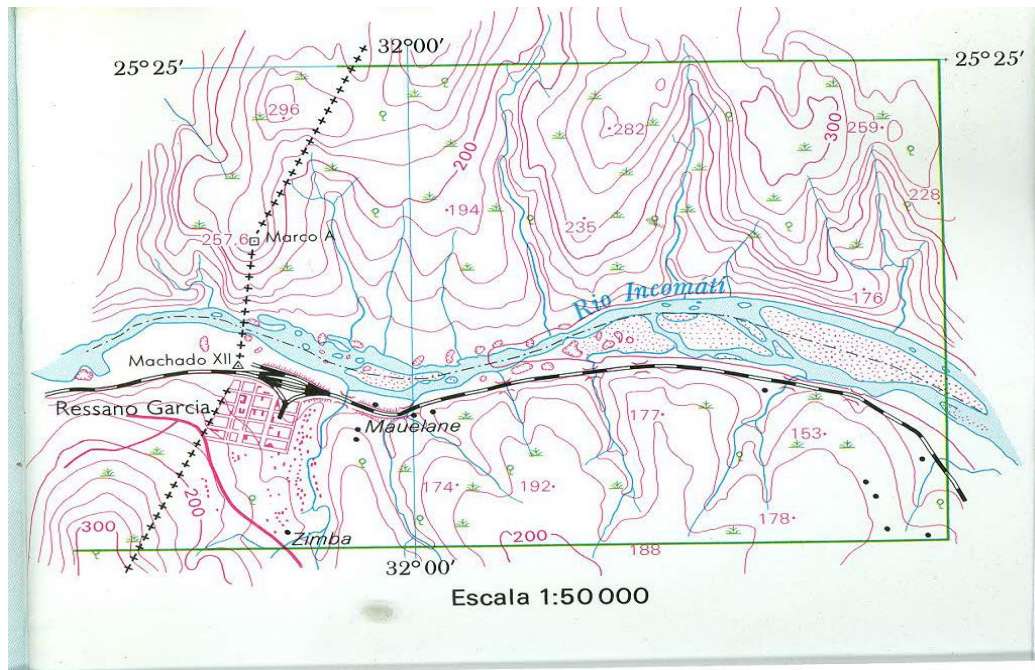


Fig.4

Foto retirada da Atlas geográfica vol.1 que ilustra a povoação a Gaxa

Por outro lado, a vila de Ressano Garcia também é conhecida por “Gaxa”, essa designação (segundo uma participante secundada por três ex-mineiros já reformados), desse que surgiu a partir de uma gíria mineira, na qual mineiros moçambicanos naturais de Inhambane que pré-notavam na fronteira de Ressano Garcia à caminho da África do Sul, para o dia seguinte atravessar a pé até Komatipoort, que era o local de contratação de mão-de-obra First (1979), ao ir tomar banho no rio Incomati, diziam em língua *chitswa* falada no norte da província de Inhambane “*gaxa hi ta famba*”, traduzida em português significa amanheceu para andarmos, assim a gíria tornou popular no seio dos mineiros que passavam/passam por esta fronteira até hoje.

Este nome segundo como meu avô me contou, surge a partir de alguns manhembanes que vinham de Vilanculos que dormiam aqui para o dia seguinte atravessar, já ao amanhecer ia tomar banho no rio Incomati diziam *gaxa hi ta famba*, os amigos deles ficaram com este nome e os outros manhembanes que vinham já diziam que esta vila é *gaxa*, aqui havia mistura de pessoas umas vinham de Swazilândia e outras de Moamba e Pessene (Matilde 39 anos).

Portanto historicamente é uma denominação associada aos mineiros que iam a África do Sul clandestinamente, porque nessa época do lado moçambicano não havia posto de recrutamento, mas sim em Komatipoort, assim Ruth First relatou o seguinte:

Inicialmente quando o sistema de recrutamento dos trabalhadores moçambicanos ainda não estava centralizado, a maior parte de saída de trabalhadores através da fronteira de Ressano Garcia para o Tranvaaval deve ter sido clandestina [...], no fim do século XIX esta saída aumentou extraordinariamente por causa das medidas tomadas pelo governo colonial durante a rebelião de 1895 e a destruição do Estado de Gaza e também pela epidemia da peste bovina de 1896-1898, que dizimou as manadas de gado nas províncias do Sul, o que levou a que recrutadores privados e angariadores de mão-de-obra aproveitassem o êxodo organizando-o. Ainda não foi feito nenhum estudo detalhado sobre os métodos de recrutamento dessa época, embora pesquisas recentes sobre o Sul de Moçambique revelam como era conduzido por “runners”, que trabalhavam para recrutadores brancos ou asiáticos e que eram utilizados para irem [...], os “runners”, ou polícia de recrutamento era identificados pelos seus chapéus vermelhos e alguns possuíam um uniforme semelhante ao da Polícia administrativa, usavam chicotes de cavalo-marinho e recebiam um pagamento per capita sobre o número de pessoas que conseguia recrutar (First 1979:29).

4.2-Motivações da fixação temporária transeuntes em Ressano Garcia

Neste capítulo vou abordar sobre as motivações que levam matwa em trânsitos, a optar por residir temporariamente na vila de Ressano Garcia, um processo histórico que teve o seu início a quando da necessidade de contratação de mão-de-obra moçambicana (sul do paralelo 22), para a indústria mineira sul-africana e do pagamento deferido.

Actualmente, as motivações variam de indivíduo para indivíduo, já não é o factor histórico, algumas estão relacionadas ao novo ambiente proporcionado pelo desenvolvimento económico (comércio/mukhero) e político (supressão de visto entre Moçambique e RSA).

A história mostra que a necessidade de obter a mão-de-obra moçambicana para indústria mineira sul-africana, teve impacto na estrutura social no sul de Moçambique, que culminou com a transformação desta região em reserva de mão-de-obra para as minas sul-africanas. Segundo Ferreira (1963) contrariamente ao que alguns pensam, as famílias não mergulham em desperto de cada vez que os seus membros decidem partir para os centros de trabalho por paradoxal que pareça, são as primeiras a exercer considerável pressão que o façam.

Os níveis de vida dos indivíduos que eram recrutados para as minas, eram diferentes em termos sociais comparativamente das pessoas que viviam da agricultura nas mesmas “povoações”, isso originava as diferenciações sociais e por vezes estereótipos, pois, circulava na povoação a ideia de que só seria homem quem tivesse passado pelo sofrimento de ter ido ao *xibalo*, exercito ou ter trabalhado nas minas da África do Sul.

A percepção da sociedade sobre o sofrimento era de um fenómeno normal, porque transformava o homem que não era homem para o homem que já é homem por ter passado pelo um desses processos, isto é, o sofrimento era espécie de “circuncisão psicológica” do homem, para fase do homem maduro.

A diferença social não era vista só de forma subjectiva, mas também objectiva, a partir da casa do mineiro, a forma de vestir das suas esposas (um dos status social dum mineiro é ter mais que uma esposa), com uso de *ntoveki* (espécie de capulana escorregadia exclusiva dos trabalhadores da África do Sul), essa capulana era fonte de atracção das moças optarem pela preferência dos *magaiças* (nome atribuído socialmente aos mineiros, como identidade e marcava diferença na sociedade de origem) dos quais elas se apaixonavam.

Na realidade, a família comum não considera como coisa grave a ausência temporária do respectivo chefe quanto mais não seja, porque tem em mente que vai trazer não só dinheiro de contado, como roupas e outros artigos considerados valiosos, que satisfarão as necessidades de todos durante vários meses (Ferreira 1963:145).

A outra motivação é sob ponto de vista histórico, pelo facto de a vila antes “povoação” de Ressano Garcia, ter sido o local seleccionado para o pagamento deferido para os mineiros no interior de Moçambique. A chegada dos mineiros era sinal de alegria para os comerciantes locais, nenhum mineiro ousara regressar a sua terra natal sem que tenha “*ntoveki*” comprada numa das cantinas de “*Gaxa*”. Como ele ia se apresentar a (s) sua (s) esposa (s) na sua terra natal? E como estas iam marcar diferença perante outras mulheres na povoação?

Os jovens viam-se assim excluídos socialmente na povoação, daí que preferiam trocar enxada e escola por “*nkwankwana*”, mesmo sem contracto com a indústria mineira, usavam o ponto de entrada a fronteira de Ressano Garcia “*Gaxa*”, pela margem esquerda do rio Incomati mais seguro, pois a margem direita era um risco para

“mafoxlhana” devido os animais ferozes ao longo do kruger park e Covane (2001) no trabalho intitulado “A África e instalações do sistema colonial” escreveu:

Em 1920, um relatório oficial focalizou que os homens africanos não sentiam necessidade de procurar os trabalhos remoráveis dentro de Moçambique por causa dos salários baixos oferecidos por empregadores locais e porque ainda possuíam um número considerável de cabeças de gado. O relatório argumentou que, quando os africanos tivessem de pagar imposto de palhota ou comprar roupas e outros bens, simplesmente vendiam algum gado, que quase todos possuíam e para o lobolo, eles usavam o dinheiro ganho na África do Sul. Não sentiam pressão alguma para procurar trabalho nas fazendas locais. Alguns funcionários portugueses sustentaram que os africanos não só optavam pela busca de trabalho migratório por razões económicas, mas também porque desejavam visitar países novos; contudo, por vezes, eram forçados pelas famílias ou por desentendimentos sociais com os vizinhos, chefes locais e até com as esposas ou sogras. Precisavam igualmente de escapar as acusações de feitiçarias ou por causas de superstição que sugeriam uma mudança temporária do ambiente social. A partir de 1928, a disputa sobre o pagamento deferido foi transferido para Moçambique. Os cantineiros nas diferentes vilas do sul de Moçambique reconheceram que a sua propriedade era devida aos migrantes. A vila de Ressano Garcia foi seleccionada como a primeira estação de pagamento deferido. Todos os migrantes recebiam o seu dinheiro naquele posto a caminho das suas casas. Quase imediatamente os cantineiros de Gaza, Inhambane e dos distritos de Lourenço Marques, enviaram petições ao Governador-Geral solicitando que fossem estabelecidos postos nos lugares de origens dos imigrantes para pagamento deferido. Na generalidade argumentavam que Ressano Garcia estava a usurpar de muitos benefícios, devido a sua localização geográfica e que eles tinham de ajudar as suas famílias em tempo de escassez. Pediram a adopção de um sistema descentralizado. De acordo com o ex-régulo de Chókhwè, Eduardo Cuna, todas as terças-feiras os emigrantes chegavam a Ressano Garcia e só partiam as quintas-feiras. Esses dois dias foram deliberadamente programados para fazer com que eles gastassem o dinheiro principalmente em álcool e prostitutas, antes de seguirem para as suas casas. Esta prática era claramente a favor dos interesses do comércio local e em prejuízo dos emigrantes (Covane 2001:478).

Um dos participantes do estudo em conversa informal afirmou que por vezes tem sofrido acusações e suspeitas com seus colegas que vieram junto ele de Inhambane, por habitantes locais sobretudo quando verifica-se roubos numa noite, a tendência é de acusar os manhembanes (vamandla)¹¹ como sendo autores desse facto.

Eu sou de Inhambane Vilanculos vou para África do Sul, estou aqui em Ressano porque ouvi dizer que é fácil entrar na África do Sul, mesmo sem passaporte há pessoas que ajudam a entrar basta pagar-lhes dinheiro, como tenho falta de dinheiro acabei ficando aqui vendendo créditos, bolachas, para conseguir pagar casa que aluguei e comer, embora as pessoas daqui dizem que vamandla são ladrões, não tenho como (David 23 anos).

Um outro entrevistado sobre como se sentia estar entre culturas estranhas e como conciliava com a da sua origem durante o tempo que ia estar em Ressano Garcia, assim como se identificava perante os outros já que matswa passavam por um processo caracterizado por estereótipos, pelos naturais devido a sua origem.

¹¹O termo mumandla assume como elemento de coesão para os naturais de Inhambane quando estão for a da sua Terra, aqui não se olha as diferenças socioculturais da província de Inhambane, mas sim o pertencimento a mesma origem, com maior ênfase na língua chitswa.

Tio vou a África do Sul só que o dinheiro que eu trazia acabou aqui, alguns conterrâneos que encontrei aqui ajudaram-me como eu sou mumandla venho de Vilanculos, eles ajudaram-me, assim eu faço trabalho de mostrar o melhor caminho e mas fácil sem complicação dos agentes da guarda fronteiras e de migração as pessoas para África do Sul, se quiser vamos conversar tio, não vou te pedir muito dinheiro vamos assim, segue-me, eu nunca vou esquecer a minha terra, posso falar changana mas sou sem por centos mumandla (Tomé de 29 anos).

Constitui um dilema viver na terra dos outros muito mais quando o destino não exactamente aquele ambiente, pois, implica muita ginástica, mudanças de categorias de grupo de modo a conseguir o grupo onde tem aceitação, assim os locais chamam esses grupos de *malianos*, estes recebem “transeuntes” como se tratassem de pessoas que já conheciam há bastante tempo seduzindo-os de modo a aceitar os seus serviços em troca de valores monetárias, numa das conversas com um jovem, ele disse o seguinte:

Eu quando cheguei aqui em Ressano tinha como destino África do Sul, vinha na companhia do meu amigo de Mapinhane, ele conseguiu furar arame por ajuda de mliano eu fiquei porque ainda quero aumentar dinheiro de rand, aqui e fácil fazer negocio e ter dinheiro basta usar a cabeça, não tenho documentos mas vou conseguir já contactei com malianos qualquer dia vou furar também (Faduco 23 ano).

Maliano são indivíduos que se uniram para actuar dentro de um mesmo sistema sócio-cultural com determinados objectivos, as suas acções estão orientadas dentro dum contexto, de modo a conferir-lhe uma certa identidade. Estão envolvidos na acção, alguns matswa, como forma de conseguir a sua inserção na sociedade local.

Trata-se de identidade atribuída localmente ou a identidade para si¹² eles não assumem como tais, a sua actividade não constitui-lhes preocupação, mas torna preocupação para a sociedade, porque vê neles como sendo grupos perigosos, como um risco para os seus clientes, embora conseguem sustentar as suas famílias por dinheiro proveniente desta actividade, inclusive até o pagamento de imposto. Malianos concebem o risco como um bem necessário.

Ao longo das entrevistas assim como conversas informais, nenhum participante assumiu ser do grupo de maliano/chelengue, mas alguns dos participantes confirmaram a existência de pessoas com que ostentam estes nomes.

¹²Ver o subtítulo da conceitualização sobre a identidade social.

Eu vejo eles a sensibilizar as pessoas que descem dos chapas a dizerem que vão-lhes mostrar um bom caminho mas nunca pude segui-lo para ver qual é esse caminho que estão a referir, porque pelo que sabemos a entrada é pelo recinto de Migração com passaporte (Lídia 17 anos).

O facto de alguns participantes não assumirem como maliano/chelengue, está relacionado como emergiram esses grupos naquele meio social pois, Ressano Garcia é uma vila desprovida de infra-estruturas económicas capazes de absolver um número elevado de mão-de-obra, com alguns indivíduos sem qualificação e como alternativa criam mecanismo de sobrevivência, recorrendo desvio dos procedimentos migratórios.

Este comportamento fez emergir três categorias de grupos sociais: *mafoxlhana*, *maliano* e *chelengue*, que de forma voluntária a incorporação dos seus membros não é com base nos critérios étnicos nem tribais, mas sim pelos objectivos comuns segundo (Dubar 1989), existem modos de identificação variáveis ao longo da história colectiva de vida pessoal, as afectações as categorias diversas que dependem do contexto.

Em contacto com um participante que está angariar dinheiro em Ressano fazendo pequenos negócios, a fim de voltar a África do Sul de onde foi repatriado em Abril 2012, afirmou que a sua integração na sociedade que em termos culturais é diferente da sua, foi difícil.

Estou aqui por pouco tempo, estou a estudar caminhos e criar amizade porque já estive lá na África do Sul, mas consegui entrar até lá depois foi apanhado com os polícias levaram-me para calaboiço de lá depois mandaram com muitos outros para voltar Moçambique, levaram todo o dinheiro que tinha. Quando chegamos aqui eu começou a pensar voltar para Inhambane, então falou com polícia de manhambane de casa (riso) que eu era de Inhambane porque aqui é muito fácil voltar para África do Sul, sempre gosto de fazer comércio, arranjei amigos aqui que foi com eles repatriado da África do Sul, emprestaram pouco dinheiro vivemos juntos, bebemos cerveja juntos já há amigos que estamos organizar voltar para África do Sul falta pouco dinheiro, se você quer pode ir junto (Mário 32 anos).

Em termos de constituição, *mafoxlhana* são constituídos por transeuntes que fora dos *matswa* estão também indivíduos de outras províncias na condição de transeuntes, com maior enfoque para vamándla-Vilanculos, pois, estes são clientes preferidos dos *malianos* por ser fonte de obtenção de dinheiro, em contacto com um comerciante disse o seguinte:

Os rapazes (pswimandlana) de dia são bons comerciantes, de noite se não salta arame para África do Sul roubam nas nossas residências, o mesmo acontece com

makhambane fugiram enxada em Manjacaze onde comiam *ntsumbura* (mandioca), vem aqui sofrer só porque quer ir África do Sul chegam aqui são aldrabados por estes malianos e mal-trados por chelengues (Tembe 43 anos).

4.3-Estratégias adoptada pelos transeuntes para sua inserção social

Existem duas formas de perceber matswa quando da sua chegada na vila, primeiro como perturbadores, estranhos e sujeitos a forte controlo social pelas autoridades, mas com o tempo vão assimilando uso e costume local criando desta forma o mecanismo de interacção¹³ social e passam a ser importante para a sociedade acolhedora, um processo que passa necessariamente pelas trocas culturais.

Saí de Mapinhane com o meu marido, chegamos aqui eu não tinha passaporte, ele tentou comprar os polícias de Guarda Fronteiras conseguimos entrar mas lá afrente encontramos polícia da África do Sul pegaram-me no mesmo dia voltei para Moçambique meu marido foi, quando cheguei aqui fui dado dinheiro de apoio pelo núcleo de apoio aos repatriados que nem chegava até Inhambane, então achei ficar aqui procurando amigas para me ajudar, fazer pequenos negócios e meu marido telefonou já tenho as direcções dele falta contactar estes malianos para me encaminhar, qualquer dia (risos) eu não tenho medo de nada até aqui já sinto bem tenho muitas conhecidas e conhecidos embora chama-me de ximandlana mas é brincadeiras mas na realidade elas gostam muito, fazamosxitiki 500,00 mt por semana e vivo assim com eles (Angélica 27 anos).

Viver entre duas culturas, a da origem e a da chegada, não constitui problema para a pessoa que não cria problema na sociedade acolhedora, o que se deve fazer é articular as duas culturas, porque mesmos os naturais necessitam de conhecer cultura alheia, pois na interacção social torna novidade falar língua do outro, cozinhar e vestir, de forma diferente da terra de origem que são marcas das trocas culturais, a Antropologia pela sua essência é ciência das diferenças, ela defende o relativismo cultural, isto é, não há cultura superior a outra mas sim deferentes uma da outra e Sabão disse que o seguinte:

É normal eu falar chuabo com os meus irmãos da mesquita e eles falarem changana comigo, o que se deve fazer é haver respeito entre as pessoa, porque

¹³ É o processo que ocorre quando pessoas agem em relação recíproca em um contexto social, este repousa sobre uma distinção importante entre acção e comportamento, então a interacção social seria o processo mental radicado em significado que distingue a acção de comportamento, isso nos leva a teoria de acção desenvolvida por Weber, segundo a qual não podemos compreender o que as pessoas fazem sem ter alguma ideia de como elas, de forma subjectiva interpretam seu próprio comportamento (Johnson 1985:213).

cada pessoa é pessoa como outra não pode haver que aquele é chingondo, manhembane, machope, machangana, cada qual conhece o seu canto, eu estou aqui na mesquita há 5 anos vindo de Mocuba fui recebido aqui fazia os meus negócios, primeiro fui cambista, vendi créditos, uma senhora contactou-me para vender na sua barraca, ela era boa mas o marido dela quando soube que eu era maquelimane ele pensou que havia de amantizar com a sua esposa porque para ele maquelimane não prestam fodem a mãe, filhas, irmãs até, avó (risos) achei deixar e fui contactado pelo Xekh da mesquita para ser contínuo e estou lá (Sabão 24 anos).

Embora matswa em Ressano Garcia estejam cientes de que encontram-se perante duas culturas diferentes, eles em termos identitários definem-se com a cultura de origem, particularmente quando estão em conversas a só, isto é, entre indivíduos da mesma proveniência, que muitas vezes nem se conheciam antes de se encontrarem em Ressano Garcia. Então a conversa gira a volta da pertença identitária como se estivessem na sua terra natal e quando aparecem outros indivíduos estranhos, simulam e manipulam de modo a incorporar os outros na conversa.

Eu estou aqui por sofrimento, tenho mulher e dois filhos, saí de *Chidenduele* a procura de vida em Maputo junto ao meu primo, ele conseguiu um trabalho no Conselho Municipal da Matola de varrer estrada, como eu não tinha nada a fazer vim cá na companhia do meu amigo que tem uma tia com barraca, emprestei dinheiro começar vender crédito agora estou a fazer câmbio de rand-metical, eu nunca esqueci a minha terra quando estou perante pessoas da terra falo com elas chope para não dizer que esqueci na terra...*vataku ndzio kholwa a Gaxa* (Agostinho 20 anos).

No meio da conversa com este, um outro participante do estudo retorquiou dizendo o seguinte;

Você-tio como está nesta terra esquecer a tua terra, as pessoas daqui *maronga* e *machangana* não vão ti rir nesta terra? (Édito 16 anos).

Outras das estratégia são as línguas portuguesa e *changana*, que são as mais faladas e facilitam o contacto entre as diferentes pessoas, mesmo sem o total domínio, o que interessa é que haja comunicação entre as pessoas, havendo outras que embora não sejam do Sul de Moçambique, mediante interação acabam dominando principalmente *changana*, de forma fácil conseguem penetrar nos diferentes grupos sociais emergentes.

A minha integração foi fácil porque vivi muito em Gaza, distrito de Manjacaze oito anos tive amigos e amigas sempre falavam comigo changana, quando cheguei aqui em Ressano, tornou fácil a minha socialização com outras pessoas até dizem que parece eu não sou de Tete, perguntam-me como é possível um chingondo falar changana até ultrapassar os donos “olha senhora, manda mis uma “lite” (...), devido a procura de emprego abandonei lá para Maputo, tratei

passaporte assim estou a espera do meu patrão ligar-me, mas enquanto aguardo por ele, vou sobreviver de pequenos negócios vendo bolos e sumo as vezes na estação ou mercado, mas muito tempo passo aqui nesta barraca, bebendo uma cerveja gosto muito de “lite”, tenho meu grupo que também gosta desta marca, quando eles chegam formamos uma equipa de amator de lite. “Risos” (Ricardo 25 anos).

O comércio informal na vila de Ressano Garcia tem sido a fonte de sobrevivência, serve também de meio de interacção porque nele envolve o xitiki, pois, a vila depara com problemas de falta de infra-estruturas económicas (empresas), os mecanismos de sobrevivência são feitas mediante a “disputa” do espaço sócio-económico.

Esta é uma vila pequena mas tem muitas pessoas, outras pessoas vêm do norte, outras são de outros países, alguns vêm de Gaza e Inhambane. Eu vivo aqui desde 2000 vim com os meus pais, transferido de Chibuto, para aqui, quando tinha (6) seis anos, estou a estudar na 11ª classe, nos tempos livres faço pequenos biscates, tenho amigos que desenrascam a vida vendendo, porque aqui nesta vila há carência de emprego, se existe é apenas grupinhos de amigos que se unem em volta de certo objectivo que os possa sobreviver, para não abraçar a malandrice, roubando ou mesmo pulando¹⁴ a fronteira para outro lado com o risco de ser matado pelos chelengue...

O que são chelengue?”

...são grupos de mafiosos que por vezes alegam ser sul-africanos falando *zulu*, estes matam até os malianos têm medo deles, eles ficam na linha de fronteira do lado sul-africano, querem dinheiro se for mulher até podem violar e sacar tudo depois matam, eu prefiro criar meus amigos sem meter nessas cenas de matança. No meu grupo de amigos estão todas pessoas sem distinção o nosso objectivo é a satisfação das necessidades pessoais, fazamos xitiki de 300,00 nos fins-de-semana. (Manuel 20 anos).

¹⁴ Segundo o dicionário da língua portuguesa, pulando significa no caso de Ressano Garcia saltar a fronteira para África do Sul.



Fig.5

Esta imagem reporta a disputa de espaço sócio cultural entre os naturais imigrantes (foto tirada na internet).

A globalização trouxe nova forma de indivíduos se relacionarem Giddens apud Carvalho (2008), a globalização é definida como “acção a distância” porque para Giddens é um processo que representa mudanças efectivas na estrutura social, assim a sociedade globalizada é vista como sociedade de diálogo, como resultado directo da globalização e da emergência de uma nova ordem social pós-tradicional, isto é, um tempo em que a tradição enquanto exemplo de conduta perde espaço e os sujeitos passam a escolher o seu destino sem obrigados de seguir os valores tradicionais, isso não quer dizer que a tradição desaparece, mas sim muda de statu (Carvalho 2008:96).

Concluindo, a globalização trouxe nova forma de as pessoas se relacionarem um com outro mediante interesses que podem ser culturais, sociais, económicos, religiosos, políticos, históricos, sem a observância das barreiras impostas pela tradição das pessoas em interacção, quer dizer já não é a ideologia que hoje divide o mundo, mas sim a tecnologia e quem fica fora do uso da tecnologia está “excluído” do mundo. Que de acordo com Giddens (1991), a globalização é um processo que divide a sociedade em forças opostas, os que detém o poder e espaço as elites dum lado e as massas com espaço limitado do outro (fosso entre pobre e rico) nascendo identidade contemporânea.

4.3-Razões e impacto das trocas culturais

Neste capítulo pretendo discutir a influência das trocas culturais no processo de construção de identidade sociais, talvez seja demasiado repetitivo, mas aqui há necessidade de rever o conceito de cultura e de trocas, com vista a buscar a compreensão da sua manifestação.

Quanto ao conceito de cultura já foi tratado no capítulo anterior relativo a conceitualização, apenas a questão de troca não foi abordada daí que será objecto de análise para posterior articulação com a cultura.

Para análise desta questão parte-se do princípio de que o encontro entre duas ou mais culturas sempre gerou ou gera “conflitos” de várias ordens entre os indivíduos portadores dessas culturas e como causa está a falta da compreensão da diversidade cultural¹⁵, com consequências imprevisíveis que podem resultar em genocídio, estigmatização, exclusão social, estereótipos, devido a reivindicação da cultura dominante.

As trocas culturais aparecem mediante a compreensão do relativismo cultural¹⁶ e pela aceitação da diversidade cultural, que por vezes as pessoas pouco compreendem estes fenómenos, mas de forma subjectiva, no caso dos matswa, estas manifestam neles mediante interacção sem que os mesmos possam se aperceber da sua ocorrência.

É prática hoje ouvir em Ressano Garcia as pessoas no caso de língua, ou idioma a expressarem de formas diferentes, um *macua* a cumprimentar um *changana* em *changana* e um *changana* a cumprimentar um *macua* em *macua* sucessivamente, assim como nas práticas alimentares, no modo de vestir, os gostos, com a expressão *sivale* a unir indivíduos, isto é, todos são *sivale* (cunhado) de todos, de acordo com Garcia apud Mendes & Vieiras (2007), a troca assume significado diferenciado, isto é, a troca não pode ser restringida apenas a bens e riqueza necessariamente úteis, mas também deve-se incluir a gentileza, banquetes, ritos, pois a internacionalização da cultura está a enfrentar dilema entre o nacional e o estrangeiro, o popular e o erudito, o tradicional e o vulgar na procura de compreender o complexo fluxo das trocas culturais envolvidas na construção duma identidade.

¹⁵Existência de várias culturas

¹⁶ Não há cultura superior nem inferior, mas sim as culturas são diferentes de sociedade para sociedade.

No caso de Ressano Garcia as relações entre os habitantes e os matswa, produzem dois fenómenos em princípio contraditórios, pois estes são vistos como sendo estranhos (*mafoxlhana, pswimandlana, manhembana*), principalmente quando acabam de chegar, não são considerados como algo importante só depois ganham reconhecimento na sociedade receptora pelo seu papel, socializante isto é, aquilo que eles fazem do bem para essa sociedade que lhes possibilita evitar todas as formas de exclusão social.

CAPITULO V

5. Discussão de resultados e Conclusões

Feito o estudo no local, neste capítulo vou apresentar e discutir os resultados e as conclusões constatados durante o estudo. As técnicas da recolha de dados consistiram em observação directa, entrevistas semi-estruturadas e conversas informais, estas permitiram chegar aos seguintes resultados:

O presente estudo foi realizado na vila de Ressano Garcia “*Gaxa*”, visa compreender o processo de construção de identidades sociais de indivíduos oriundos de Vilanculos (matswa) na condição de transeuntes, que escalam e de forma temporária residem na vila de Ressano Garcia.

No local constatou-se que não são só matswa (indivíduos oriundos de Vilanculos província de Inhambane residentes temporário em Ressano Garcia na condição de transeuntes), mas também estão indivíduos provenientes das províncias do Norte e Centro de Moçambique e de outras nacionalidades, que fixaram residências exercendo na sua maioria o comércio informal, juntos com os habitantes locais.

Ressano Garcia é também conhecido por Gaxa na gíria mineira, é uma vila que surgiu do nada, a sua história está associada a necessidade de contratação de mão-de-obra moçambicana para a indústria mineira sul-africana no período colonial, que segundo os nossos informantes sempre foi local de trânsito de pessoas, de e para África do Sul.

A vila transformou-se num espaço de trocas culturais e comércio informal do tipo mercantil¹⁷, resultado do intenso movimento migratório onde indivíduos (matswa) por necessidade de melhor se prepararem para África do Sul vem-se na obrigação residir temporariamente na vila, criando mecanismos de integração sócio-cultural transfronteiriço.

A vila alberga indivíduos de origens e culturas diferentes criando nela o peso, devido abundância de mão-de-obra que com a falta de infra-estruturas económicas (empresas), fez surgir grupos sociais chamados *maliano e chelengue*.

¹⁷ Troca desigual de produtos comercializáveis em pequenas quantidades por vezes sem a necessidade de procedimentos aduaneiros.

Com base nos depoimentos dos entrevistados matswa também são conhecidos por *vamandla*, um termo que na sua terra natal considera-se pejorativo e não é aceite, mas em Ressano Garcia eles assumem como tais, porque permite-lhes a coesão, quem provoca um provocou todos.

Os residentes (naturais) de Ressano Garcia tratam todos os transeuntes com características acima apontadas por *mafoxlhana*, que segundo Mendes e Vieira (2007), a identidade torna uma celebração móvel formulada e transformada continuamente em relação as formas pelas quais somos representados no meio social que vivemos.

Na observação directa foi possível identificar três categorias de grupos distintos, uns dos outros e pelo relacionamento, um com outro ou entre membros do mesmo grupo:

A primeira categoria ou grupo primário, é mais visível nessa, as pessoas estão sentadas na sua maioria mulheres e crianças vendendo diversos produtos, a segunda categoria ou grupo secundário é das pessoas que fazem *vai-vem*, nessa vê-se pessoas vendendo créditos para telemóveis e cambistas trocando rand e metical. Os primeiros são identificados pelas batinas amarelas e os cambistas pelo montão das notas de metical e rand, que de forma simulada faz *kupetsa*¹⁸ (dobrar).

Kupetsa consiste em que no acto de cambiar, separam-se algumas notas pelos três dedos da mão que entrega o dinheiro ao cliente e este por ter confirmado a contagem certa, acha que tudo está conforme, pondo as notas no bolso seguindo viagem e o cambiador retira-se imediatamente com colegas seus para outros lugares voltando passado tempo depois, com preferência para estrangeiros.

A terceira categoria de grupo é de jovens e adultos, “humildes” com interesse comum; contactar indivíduos que descem de “chapas” vindos de Maputo, procurando saber se pretendem passar para África do Sul ou terminam em Ressano Garcia, de modo a prestar-lhes “ajuda¹⁸” desviando-os dos procedimentos migratórios.

Em conversas informais percebi que o tal grupo, os habitantes locais socialmente trata-o por maliano. E grupo constituído por indivíduos de origens diferentes, a sua formação não obedece critérios étnico-linguística e tribais, mas sim na necessidade comum de ter dinheiro, mesmo ciente do risco que eles oferecem aos seus clientes de atravessar a fronteira para África do Sul ignorando procedimentos migratórios.

¹⁸Em língua changana falada no sul de Moçambique é dobrar

Que segundo Fernando e Zanelli (2006), indivíduos com características diversas se unem para actuar dentro de um mesmo sistema sócio-cultural na busca de objectivos determinados, essa união provoca um compartilhamento de crenças, valores, hábitos, entre outros, que irão orientar suas acções dentro de um contexto pré-existente, definindo assim as suas identidades.

Para a sua inserção social, matswa fazem pequenos negócios (vendedor ambulante) e por estarem nas mesmas condições com outros transeuntes, familiarizam-se com eles, pois o processo de construção de identidades sociais ocorre em todos os contextos e em todas as instituições sociais Ferreira (2011), assim sendo surge uma nova identidade fora do contexto cultural de cada individuo, mas com base no interesse comum.

Em termos de conceitos, os transeuntes são pessoas que estão de passagem em Ressano Garcia que alguns por falta de dinheiro recorrem ao comércio informal (ambulante), alugando casas/quartos temporariamente aos habitantes locais, com pagamento antecipado, visto serem indivíduos que a qualquer momento podem seguir ao seu destino sem despedir.

Por outro lado pela sua localização geográfica junta a fronteira com África do Sul, Ressano Garcia transformou-se num local atraente para os indivíduos não só matswa mas outros que nela escalam, que por um lado e devido o intenso movimento migratório associado a circulação das duas moedas metical/rand e por outro lado devido a supressão de visto e a criação de paragem única. A vila e vista como sendo “*school mine*” para preparação de pessoas que pela primeira vez pretendem ir a África do Sul.

A permanência temporária dos matswa não pode ser entendido no seu todo como resultado da falta de dinheiro, porque alguns até ou possuem, mas são obrigados a permanecer um determinado tempo a “estudar” a vida além-fronteira e criar “amizade” com vista a adquirir experiência do ambiente fronteiriço semelhante ao do destino.

Por um lado a supressão de visto trouxe dinâmica na tramitação de processo migratório, por outro trouxe consequências “desastrosas” para alguns, o surgimento *maliano e chelengue* é o resultado disso que com a dinâmica, esses grupos mudaram a forma de actuar porque desde do tempo de *kwakwanana* esses grupos sempre existiram, pese embora não eram conhecidos por nome, mas sim por recrutadores privados e angariadores de mão-de-obra (First 1979:29).

A única diferença que existente entre os *maliano* e recrutadores privados é de que o primeiro mostram o caminho por onde deve-se passar, enquanto o segundo além de facilitar a passagem, também servia como agência de recrutamento, porque nessa altura não havia do lado moçambicano um serviço credenciado para esta actividade.

Os matswa preferem aluguer das casas/quartos na zona baixa da vila porque tem água e energia que segundo eles, não têm tempo de ir buscar água no rio Incomati, além de facilitar a comunicação no momento da partida e encontros regulares com os seus clientes, por causa do intenso movimento de pessoas nas ruas, porque o negócio no seio dos vendedores ambulantes (matswa) não tem horário de abertura e nem do fecho, dorme quem está cansado.

Nos dois lugares seleccionados a paragem dos “chapas”, e Estação dos CFM, a presença massiva de pessoas é relativa, no caso da estação dos CFM, é mediante a chegada e a partida do comboio, nesta observei que nem todos os matswa que dirigem a Estação, pretendem necessariamente viajar, mas sim ao encontro de um novo conhecido proveniente da terra natal que segundo Goffman (1975/1959), há maior expectativa na pessoa que acaba de chegar, sobretudo o que se esperam dela assim como ela se espera deles, aqui o facto de indivíduos se pôr a conversar, não significa que já se conheciam mas sim é pelo simples facto de ser da mesma terra, o recém-chegado adquire imediatamente “família”, é incorporado e passa a ostentar a identidade deste, segundo os padrões do grupo

No terminar de “chapas” o movimento pessoas não pára, por causa da concentração das actividades comerciais, é o local de convergência de vendedores informais na vila trabalhando sem interrupção dorme quem está cansado, principalmente nas tardes das sextas-feiras, sábados e aos domingos.

Neste local percebi que a interacção social entre matswa com outros indivíduos, é feita com base no consumo, marca e origem de bebidas alcoólicas, pois, os que consomem cerveja nacional 2M, Manica e laurentina “preta” distribuem-se em mesas, fazem muito barulho, os outros que bebem cerveja sul-africana lite ou hansa formam os seus grupos e por vezes falam zulu ou changana (*gaza nkulu*) e os que preferem vinho são mais suaves, não são muitos, pode encontrar 3 a 4 pessoas numa mesa a conversa está a volta do futebol europeu e um pouco da política.

Esta estrutura permitiu perceber a função social do espaço de convívio no processo de construção de identidades sociais dessas pessoas, pois segundo Da Matta (1997), aqui vemos que o espaço se confunde com a própria ordem social de modo que sem entender a sociedade com as suas redes sociais e valores não se pode interpretar como o espaço é concebido.

Nesses locais as pessoas estão distribuídas em redes sociais, daí que não basta só encontrar as pessoas sentadas a conversarem ou a beberem, existe nelas uma relação subjectiva que visa alcançar um certo objectivo, que pode ser comercial, porque pela característica da vila, não é uma vila que atrai turistas, não possui nenhuma instância turísticas que possa atrair estrangeiros ou mesmo nacionais em termos de diversão.

O espaço é como o ar que se respira, do mesmo modo para que se possa “ver” e “sentir” o espaço, torna-se necessário situar-se. Nós, antropólogos sociais que sistematicamente, estudamos sociedades diferentes fizemos isso quando viajamos. Em contacto com sistemas sociais diferentes, tomamos consciência das modalidades de ordenação espacial diversas que surgem aos nossos sentidos de modo insólito, apresentando problemas sérios de orientação (Da Matta 1997:29).

Pelo facto de matswa serem da mesma proveniência, não significa que eles partilham os mesmos usos e costumes, a que compreender as suas especificidades em termos de preferências e comportamentos individuais que concorrem para a sua diferenciação em termos de escolha de grupos sociais, embora apresentam as mesmas características que é portar mochila, trajar calças e camisas duplicadas, isto é, eles estão sempre pronto para seguir porque as condições são criadas de forma espontânea.

Por se encontrar fora do seu contexto sócio-cultural, procuram evitar exclusão social adoptando estratégias que lhes permitem a sobrevivência, através da promoção do comércio informal (vendedores ambulantes) e amizade fruto da interacção e da escolha de melhor actividade que lhes proporcionam uma vida livre, condigna e aberta sem suspeita com vista a sua socialização.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COVANE, Luís, António. (2001) “A África e instalação do Sistema Colonial (1885-1930)”. Departamento de História da Universidade Eduardo Mondlane, Maputo.

CABRAL, J. De Pina, 2002, “Agora sabe o que ser pobre: Identificação e Diferenciações no Mundo de Lusofonia”, Maputo 1991.

CASAL, Yanez, A. 1996 “Da Comunidade a Sociedade de Tradição no desenvolvimento; identidades ou processos Identitários” in: Actas do Seminário Moçambique Navegações Comercio e Técnicas, pp. 365-385.

DA MATTA, Roberto. 1997 “A Casa e rua” in: *Espaço, Cidadania Mulher e Morte no Brasil*, Rio de Janeiro: Rocco pp. 13-36.

DOS SANTOS D. (2007) “Poetas de Todo o Mundo”, in: *Revista de História e Estudos Culturais*, Vol.4 ano IV nº 2, Abril, Maio, Junho 2007, pp. 67-77.

DE CARVALHO, Luzia Alves, 2008 “ A condição humana em tempo de Globalização: Busca de sentido e da vida “*Revista visões* 4ª Edição nº 4, Vol. 1.

DE OLIVEIRA, R. Cardoso 2006 “O Trabalho do antropólogo: ouvir ver e escrever”, in: *O trabalho do antropólogo*, Capítulo I, Brasília Paralelo 15, São Paulo. Editora Unesp, 2006.

DUBAR, C. 1997, “A Socialização-Construção das Identidades Sociais e Profissionais”, Porto Editora, pp 128-129.

DUBAR, C. 1996, “Trajectórias sociais e formas identitárias: alguns esclarecimentos conceituais e metodologia” in: *Educação e sociedades*, Vol. 19, nº 62, Campinas, pp

DUBAR, C. 1985, “A Crise das Identidades” in: *A interpretação de uma mutação*, Edição 1985.

ECHANDEMAISON, C. D. (2001) *Dicionário das Ciências Sociais*, Porto Editora, Porto, pp 190-196.

FREDRIK, Barth. 1995, “Grupos étnicos suas Fronteiras” in: *Teorias de Etnicidade*.

FERREIRA, A. R. 1963, “O Movimento migratório de trabalhadores entre Moçambique e África do Sul”, Lisboa, *Junta de investigação do Ultramar*, Centro de estudo políticos e sociais, pp 6-94.

FERREIRA, A. De Jesus e FERREIRA, S. Aparecida. 2011, “Raça/etnia, Género e suas implicações na construção das identidades sociais em sala de aula de línguas”, vol. 03, nº02.PP. 49-115.

FILHO, J. Castelo Branco. 2003, “A Construção de Identidades”, in: *Tentativa de empreender um diálogo sobre a temática*.

FERNANDES, D. 2007, “Preto no branco. Identidade Negra na Telenovela Brasileira”, *Comunicação apresentada no 5º Encontro Regional de Comunicação*, Universidade Federal de Juiz de Fora.

FELDMAN, Robert. 2007 “Introdução a Psicologia”, Rio de Janeiro: MC GRAW HILL.

FERST, Ruth. 1979, “O Mineiro moçambicano” *um estudo sobre a exportação de mão-de-obra*, Maputo, Universidade Eduardo Mondlane, Centro de Estudos Africanos.

FERREIRA, Aida. s/d, “Identidades Culturais e Democráticos”, *Reflexões sobre o texto do M. Wieworka*, Edição do curso se serviço social, ULHT, Lisboa, pp130-148.

FERNANDES, R. Karina, ZANELLI, J. Carlos 2006 “O processo de Construção e Reconstrução das Identidades dos indivíduos nas organizações”, *Contemporâneo vol.1 nº 1* Curitiba, São Paulo.

GOFFMAN, Erving. 1975 (1989), “Representação do Eu na vida cotidiana”, Editora vozes 10º 2002, Rio de Janeiro.

GOFFMAN, Erving. 1975, “Estigma; Notas sobre a manipulação da Identidade deteriorada”, Rio de Janeiro, Zahar Editores.

GIDDENS, Anthony. 1991, “As consequências da modernidade”, São Paulo: UNESP.

GEERTZ, Clifford 1973, “Person Time, and Conduct in Bali” in: C.Geertz (Ed), *the Interpretation of Cultures New York Basic Book*.

GRASSI, M. e MELO, D.2007, “ Portugal na Europa e a questão migratória: associativismo, identidade e politicas publicas de migração” in: *Instituto de Ciências Sociais*, Universidade de Lisboa, pp 2-39.

GIL, António Carlos. 2008, “Métodos de Pesquisa Social” 6ª Edição são Paulo Editora Atlas S.A. 2008, pp 8-35.

JOHNSON, Allan, G. 1985, “Guia prático da linguagem sociológica” in: *Dicionário da Sociologia*”, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor Ltda.

LARAIA, Roque de Barro. s/d, “O desenvolvimento do conceito de Cultura” in: *Cultura; um conceito antropológico*, 6ª Edição Jorge Zahar Editor.

LANGA, Quitério, Vitorino. 2002, “Segurança Social. Análise crítica da Génese e funcionamento de sistema: Estratégias de sobrevivência dos pensionistas do distrito de Boane”, *tese de licenciatura*, Maputo 2002.

LUCEANO, R. Araújo. 2008, “Autonomia no verão”, in: Folha de São Paulo 2008, 2009 e 2010, <http://www.dicionarioinformal.com.br/transeuntes>

ou <http://www.dicionario.com.br/transeuntes>, grupo de Pesquisa: *o acolhimento aos habitantes visitantes e transeuntes de um ambiente virtual*, Folha de São Paulo 08/07/2009.

MORIN, Edgar. s/d, “Para uma teoria da Nação: Formação e componente do sentimento nacional” in: *Sociologia*, pp 105-113.

MACHADO, Hilka. Vierhilkavier@yahoo.com Revista de Administração contemporânea, 2003, Vol. 7, <http://dx.doi.org/10.1590> “A Identidade e o contexto organizacional” perspectiva de análise, pp 51-73.

MAIA, Rui, Leandro. 2002, “Migrações e redes de relações sociais em meio urbano: exemplo a partir do Porto” in: *Revista de Demografia História XX*, I, segunda época.

MARCONI, M & PRESOTTO, Z. 2006, “Antropologia” in: *Antropologia, uma introdução*, 6ª Edição, São Paulo, Editora Atlas.

MUNGOI, C. J. e DOMINGOS, D. M. 2012, “Ressignificando Identidades”: *um estudo antropológico sobre experiências migratórias estudantes africanos no Brasil*, Revista Internacional, Mob. Hum, Brasília, Ano xx, Nº38.

MENDES, M e VIEIRA, R. 2007, “Mulheres em diáspora: margens culturais e busca de sentidos através da entrevista etnográfica”, *Centro de Investigação de Identidade e Diversidades*, Instituto Politécnico da Leiria, Portugal, pp. 228-232.

QUIVY, R. Campenhoudt, LucVan 1997, “Manual em Investigação em Ciências Sociais”, Lisboa Gradiva.

RICHARDSON, R. 1989, “*Pesquisa Social: Métodos e Técnicas*”. São Paulo: Editora Atlas, 2ª Edição.

SANTOS, C. 2005, “A Construção Social do conceito de identidade profissional”, pp 125-127.

TILIO, Rogério. 2009, “Reflexões a cerca do conceito de identidade”, Revista electrónica do Instituto de Humanidade, Vol. VIII nº XXIX Abr. Jun. 2009, pp 100-110.

Vila de Ressano Garcia; As Formas contrastantes de Divisão da Sociedade, in: *Enciclopédia*, V.8 Região Imprensa Nacional da casa de moeda 1986, Edição portuguesa.

VELHO, Gilberto. 1986, “Subjectividade e Sociedade: Uma Experiência de Governação”, Zahar Editores, Rio de Janeiro.

www.kas.de/w.f movimentos migratórios, 27/05/2013.

www.analisesocial.ics.ul.pt 01/06/2013.

John Nash trocas culturais <https://br.auseurers> yahoo.com 17.07.14.